

As metas do Citicorp

por Paulo Sotero
de Washington

O Citicorp deseja converter até US\$ 500 milhões, ou cerca de 10% de seus empréstimos de médio e longo prazo ao Brasil, em investimento no País, nos próximos três a quatro anos. Adicionalmente, o banco pretende reduzir sua carteira de empréstimos ao Brasil através da venda de uma parte significativa de seus créditos a terceiros, para refletir o que um porta-voz da instituição classificou de "retorno do banco ao seu papel de intermediação financeira, como já faz nos EUA".

A fonte indicou que o montante de créditos brasileiros que pretende vender no mercado é ainda vago, pois depende de vários fatores fora do controle do banco.

Numa entrevista publicada pelo The Wall Street Journal, na última quinta-feira, o presidente do conselho de administração do Citicorp, John Reed, indicou que o banco pretende

desfazer-se de até US\$ 5 bilhões dos cerca de US\$ 15 bilhões de empréstimos ao conjunto dos países endividados.

Desse total, o Citi deseja converter até US\$ 1,5 bilhão em investimentos e vender o restante, ou seja, até US\$ 3,5 bilhões, a terceiros, com um desconto. Reed estimou que terá de usar US\$ 1 bilhão das reservas do banco para cobrir as perdas que registrará nessas operações.

As idéias do Citi relativas à conversão de empréstimos em investimentos foram discutidas com o governo brasileiro durante uma longa conversa que um alto executivo do Citicorp teve na sexta-feira retrasada, dia 22, em Brasília, com um importante membro da equipe econômica. O executivo, que partiu de Nova York horas depois de o Citicorp ter anunciado o aumento de suas reservas, no dia 19 passado, para cumprir missões semelhantes também no Chile e na Argentina, indicou que o Citicorp

usaria uma pequena parte dos US\$ 500 milhões que deseja converter para reforçar o capital de sua subsidiária no Brasil e aplicaria o restante em fundos mútuos ou assumindo posições minoritárias em empresas com bom potencial de crescimento. A corporação tem interesse em explorar possíveis investimentos no setor de mineração. Em outros países, o Citi considera também a possibilidade de colocar dinheiro em hotéis de turismo, e poderia vir a fazer o mesmo no Brasil.

Segundo um porta-voz do Citicorp, o objetivo do banco de diminuir sua carteira de empréstimos ao Brasil, que foi viabilizado pelo substancial aumento de reservas que o banco anunciou há duas semanas para precaver-se contra possíveis perdas nos seus empréstimos de médio e longo prazo que acumulou nos países endividados do Terceiro Mundo, não indica um desejo da instituição de diminuir seu envolvimento no Brasil.

"Ao contrário, ao transformar dívida em investimentos no País, nós estaremos ampliando, e não diminuindo, a nossa presença e o nosso compromisso com o Brasil", disse o porta-voz.

Computados, contudo, os empréstimos que pretende passar adiante, esta estratégia produzirá inevitavelmente uma redução líquida do volume total da "exposure" do Citicorp. A relação entre os US\$ 500 milhões de dívida que pretende converter em investimentos e o total de US\$ 1,5 bilhão que estima converter no conjunto dos principais países endividados sugere que o banco poderia reduzir seu risco total em empréstimos de médio e longo prazo ao Brasil em cerca de um terço até 1990-91.

Ecoando declarações feitas pelo presidente do conselho de administração do Citicorp na entrevista que concedeu ao The Wall Street Journal, o porta-voz afirmou, contudo, que o "objetivo dessa estratégia é colocar o banco em posição de participar de novos empréstimos para o Brasil, sob termos mais saudáveis e utilizando fórmulas e mecanismos mais voltados para o mercado".

Um mecanismo cuja adoção o Citi provavelmente defenderá para que se levante pelo menos uma parte dos cerca de US\$ 4 bilhões de dinheiro novo que as autoridades brasileiras estimam que será necessário pedir aos bancos, para tapar o buraco do balanço de pagamentos deste ano, é a emissão de títulos do Tesouro do País garantidos pelos bancos. A idéia foi

As metas do Citicorp

por Paulo Sotero
 de Washington
 (Continuação da 1ª página)

sugerida para o Chile, no ano passado, mas fracassou diante da oposição do país e dos outros credores.

Um outro mecanismo que os bancos certamente consideram viável não tem, na verdade, nada a ver com o mercado. Trata-se de operações de cofinanciamento com o Banco Mundial, conectadas a empréstimos setoriais como que foi anunciado para a Argentina, na sexta-feira passada.

Em sua entrevista ao Journal, Reed disse que não considera empréstimos como os que os países endividados têm obtido de seus credores nas últimas renegociações, "um negócio de banco". "Honestamente, eu acho que um investimento em ações no Brasil é um ativo melhor,

hoje, no Brasil, do que um empréstimo ao Banco Central onde ele fica por 20 anos, sujeito à renegociação à vontade do tomador e no que parece ser um processo de taxas de juro continuamente em declínio", afirmou Reed.

Segundo o "chairman" do Citicorp, além de diminuir a dívida externa do País, a conversão de parte dos empréstimos em investimentos teria a vantagem, para o País, de produzir receitas que são tributáveis. Na entrevista, Reed indicou também que, por ter um mercado de capitais já desenvolvido, o Brasil é o país, entre os devedores, que oferece as melhores condições para esse tipo de operação.

A preferência do Citicorp pelas operações de conversão de dívida em investimento não é nova. Em setembro do ano passado, John Reed apresentou ao

então ministro da Fazenda, Dilson Funaro, um estudo feito pelo banco indicando que perto de um terço da dívida do País aos bancos privados poderia ser transformado em investimentos.

De acordo com o estudo, caso o governo brasileiro estabelecesse a "moldura legal apropriada", pelo menos US\$ 20 bilhões da dívida seriam convertidos em capital de risco no País, num período de dez anos.

O Citi chegou a este número tomando por base o Chile que, com uma dívida de US\$ 12 bilhões aos bancos, passou a fazer US\$ 1 bilhão em conversões por ano a partir de agosto de 1985. "Considerando o tamanho da economia brasileira, US\$ 2 bilhões por ano, no Brasil é uma estimativa conservadora", disse, na época, um alto executivo do banco.

Funaro não desaprovou a idéia, mas discordou da estimativa de US\$ 20 bilhões, afirmando que os estudos feitos pelo governo brasileiro, a respeito, indicavam um potencial de conversibilidade da ordem de US\$ 9 bilhões da dívida.

Assim como ocorreu na conversa com Funaro, em Washington, durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional, os riscos embutidos nas operações de conversão de empréstimos em investimentos foram discutidos na reunião em Brasília, no último dia 22. As objeções técnicas a esse tipo de operação são, basicamente, duas.

Para que o investimento do empréstimo convertido se realize, o Banco Central tem de entregar cruzados ao investidor. E isso tem um efeito inflacionário, pois aumenta a base monetária. Além disso, a poupança de divisas que a conversão proporciona, através da diminuição da conta de juros, pode ser mais do que anulado pelo aumento dos pagamentos de dividendos ao exterior.

O Citicorp reconhece, segundo seu porta-voz, que essas duas preocupações são legítimas. Mas cita o exemplo do Chile para afirmar que elas são contornáveis. O governo de Santiago contém os efeitos da operação sobre a política monetária limitando em US\$ 40 milhões o total que pode ser convertido mensalmente. E resolveu o impacto negativo em relação à conta de capital limitando a remessa de dividendos nos primeiros cinco anos depois da conversão.

Há, contudo, um problema maior, de fundo político, que precisa ser superado para que as conversões de dívida em investimentos se tornem uma operação viável, como disse a este jornal, na semana passada, um executivo sênior de um banco concorrente do Citicorp e que também está interessado em transformar parte de seus créditos ao Brasil em capital de risco. "O Brasil precisa convencer-se de que, para crescer, precisa de mais investimentos estrangeiros, e não de mais empréstimos. E esses investimentos só ocorrerão se o País abrir a sua economia", disse o banqueiro.